

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 24 de Janeiro de 2018.

Texto de referência: L. Giussani, *Porquê a Igreja*, edição Tenacitas, pp. 212-219.

- *Si jamais j'oublie* [Se eu alguma vez me esquecer]
- *La strada*

Gloria

Veni Sancte Spiritus

O que terá acontecido à protagonista daquela canção, *Si jamais j'oublie* [Se eu alguma vez me esquecer], para não querer esquecer aquilo que lhe aconteceu? «Se eu alguma vez me esquecesse [...] / lembra-me quem sou e porque vivo. / [...] Se eu alguma vez me esquecesse enquanto corro / [...] se um dia fugisse, / lembra-me quem sou [...]. Lembra-me quem sou». Que dramaticidade ter descoberto quem é e precisar de alguém que lho lembre no vaivém das circunstâncias! Só uma pessoa que vive assim toda a experiência elementar consegue perceber o alcance daquilo em que estamos a trabalhar na Escola de Comunidade: ter um lugar onde a verdade de nós nos é comunicada, onde a verdade de nós é constantemente despertada, para que o esquecimento não prevaleça. Sem isso, acabaremos no nada. Esta é a beleza da estrada que fazemos! Como diz a Escola de Comunidade, só participando num lugar é que somos introduzidos à verdade de nós mesmos, não à verdade em abstracto, mas àquela «vibração inefável e total» que faz com que me torne um eu, que me faz fazer a experiência elementar de quem eu sou, até ao ponto de já não querer perdê-lo. Esta é a verdade que a Igreja veicula: «Vivendo dentro da comunidade eclesial [,,] quase por uma osmose contínua, essas verdades penetram, dia após dia, [...] através da membrana da nossa consciência» [*Porquê a Igreja*, pp. 212-213]. Mas se perdermos aquele instante inicial, aquela vibração inicial que fez com que nos apercebêssemos do que é um eu, para nós as coisas que lemos passam a ser a portagem a pagar por uma pertença, fazem-nos sufocar, em vez de as sentir, perceber como a maior graça (como grita a protagonista da música). Mas isto é tudo menos banal. Escreve-me um amigo do outro lado do mundo (que não pode estar aqui para intervir, obviamente). Em relação às páginas do *Porquê a Igreja* que estivemos a ler, estou mesmo com dificuldade em perceber a ligação entre as coisas que leio e o que faço no meu dia. Será muito interessante saber o que é um dogma, o que é uma acção *ex cathedra* do Papa e a figura da autoridade numa comunidade cristã com os seus diferentes significados, mas como é que relaciono estas coisas, por exemplo, com o meu trabalho de agora? É como se me fosse difícil ver a utilidade de saber estas coisas. Portanto, não querendo minimamente reduzir nada, queria pedir-te uma ajuda nisto». Vamos deixar esta pergunta em aberto, que talvez muitos de nós tenhamos: o que tem isto tudo a ver com a vida, que utilidade tem para o viver? Não é uma pergunta assim tão longe de nós; vejamos se, ao longo da Escola de Comunidade desta noite, a utilidade para o viver se torna mais clara. Assim poderemos compreender o conteúdo do que nos dizemos. Para nos ajudar a perceber como se comunica esta verdade, Giussani usa uma imagem: a osmose. Sendo uma imagem, tem o valor que tem, e não se pode exagerar com todos os pormenores, senão, no fim, a imagem prevalece sobre o significado. É uma imagem através da qual se diz como, ainda que uma pessoa se limite a estar num lugar, quase sem grandes esforços, simplesmente, pode participar no que está ali a acontecer. Mas, como vêm, a imagem suscita imediatamente reacções. Alguém comenta: «Eu tenho medo desta osmose: a tentação é uma pessoa poder pensar que isto acontece sem si, então dou comigo a...». Lembro-me da intervenção de um rapaz do liceu, ao fim de uma aula que tinha dado sobre os milagres que os discípulos viam diariamente, convivendo [a vida] com Jesus: «Eu ficaria de sobreaviso! Não fosse afeiçoar-me demasiado!». Outros, em contrapartida, pensam que a osmose é demasiado pouco: «Parece-me uma imagem um tanto passiva, comparada com o trabalho que nos indicas sempre: aquela comparação contínua e a verificação na experiência». Vejamos se as intervenções nos ajudam a perceber.

Queria pedir-te ajuda sobre o ponto que acabaste de mencionar. Leio o trecho da Escola de Comunidade que me levantou mais dúvidas: «É vivendo dentro da comunidade eclesial que, quase por uma osmose contínua, estas verdades penetram, dia após dia, de modo incalculável, através da membrana da nossa consciência. Chega-se, assim, àquela certeza e clareza da verdade de que o homem precisa para enfrentar a vida» [Porquê a Igreja, pp. 212-213]. Quando li estas linhas, tive dificuldade em continuar, porque me surgiram muitas perguntas. Há tantos anos que vivo na comunidade e no entanto ainda hoje dou comigo a viver o meu dia a dia sempre cheio de imensas preocupações reais e pensamentos. Uma pessoa vive o seu dia, põe tudo lá dentro: energia, garra, a dar-se toda e, apesar disso, muitas vezes chego a casa à noite e olho para o que vivi, olho para mim e, às vezes, em vez de me sentir fortalecida, sinto-me a enfraquecer na consciência que tenho de mim própria. O que me levanta perguntas, no sentido de que parece precisamente o oposto daquela certeza e clareza de verdade de que don Gius fala, que além disso é extremamente desejável, porque me parece que descreve uma...

Percebem porque é que a protagonista do canto pede para alguém lho lembrar? Se nós, que temos a ventura de ter esta companhia, damos connosco assim, à noite, imaginem o drama [it. *drammaticità*] que não deve ser para uma pessoa que se aperceba de que está sozinha, como um cão, no real.

Por isso me perguntei onde está o busílis, porque não me basta viver a comunidade, se eu lá não estiver, não me basta viver a comunidade de modo mecânico, não me basta lá estar em banho-maria. Impressiona-me muito quando nos avisas de que podemos correr o risco real de a nossa fé ser uma fé com uma data de “validade”. E de cada vez que o dizes, tremem-me um bocado as pernas, porque no-lo dizes a nós, que vivemos dentro da comunidade, se calhar também a outros, o que não invalida que no-lo dizes a nós.

Digo-o a mim!

Por isso percebo que não é conversa fiada, é um risco real, porque lhe vejo os indícios, já vejo os sinais no meu dia a dia. Aquele enfraquecimento de que te falava antes, para mim já é sinal disso. Para mais, já me aconteceu experimentar períodos em que estar no seio da comunidade podia até levar-me a atrofiar o coração, no sentido de que até podes sentir a comunidade a apertar-te. Então, evidentemente, o ponto sou eu. O don Gius diz que a verdade pode penetrar em mim se passar através da membrana da nossa consciência.

Perfeito! Vêem? Quando a vida urge, começamos a apercebermo-nos de que há ali elementos que nos dão uma ou outra sugestão para responder à pergunta que temos. Repitamo-lo: «A membrana da nossa consciência». Tudo menos mecânico!

Exactamente. No entanto, é precisamente aí que a pergunta me surgiu: o que pode redespertar o eu, o que pode fazer vibrar a membrana da consciência, ou seja, permitir-lhe deixar-se atravessar, de forma a que aquela dinâmica de que o don Gius fala actue de maneira que uma pessoa possa chegar àquela certeza, se possa construir? Isto é mesmo uma coisa em que preciso de ajuda.

O que acham?

Depois de um primeiro impacto não banal com o parágrafo sobre o magistério ordinário, apercebi-me do quanto aderiu à vida, à vida ordinária, como diz o texto. E nisto a Jornada de Início do Ano foi uma ajuda e a tua insistência na pobreza.

Tu, que és engenheira, explica-nos a imagem da osmose.

Ultimamente tenho experimentado muitas vezes uma novidade, tanto no olhar como na posição, diante de circunstâncias e pessoas, para mim absolutamente impensável; para mim, é evidente que essa novidade nasce e cresce com a permanência na nossa companhia, isto é, na Igreja, mas a descrição cientificamente perfeita da osmose ajudou-me a perceber a maneira como essa novidade pode crescer; de facto, qualquer osmose acontece na presença de uma diferença de potencial, de pressão, de concentração; sem esta diferença, a osmose não se dá, tudo fica em equilíbrio e nada se move. Neste sentido, apercebi-me de que só se eu for pobre, isto é, se houver uma carência, se permitir que se verifique essa carência, nessa altura dá-se a osmose e

pode entrar uma vida nova: a novidade que vejo no rosto de muitos amigos torna-se também minha. Esta pobreza, este estar desarmada diante da companhia e de toda a realidade, é verdadeiramente a única possibilidade para que alguma coisa ocorra. E tornou-se-me claro que, precisamente porque esta osmose se dá, a pobreza é a verdadeira possibilidade de ser eu própria e, num certo sentido, protagonista. Esta osmose não se realiza, de facto, de forma automática, e no fundo um tanto alienante, o que não me conviria mesmo! Chego a esta conclusão porque, muitas vezes, a permanência na companhia e a fidelidade aos gestos propostos parecem não produzir nada de novo; perante o insucesso e a desilusão, o juízo final é que, então, tudo isto não serve para nada (já o disse uma data de vezes!), mas este é o juízo que emerge quando já sei tudo, quando não admito a carência. Em contrapartida, quando aceito a carência dramática do carácter misterioso da nossa companhia e de toda a realidade, vejo que começa a entrar uma novidade, que se explica pelo menos num conhecimento novo de mim própria e da realidade, acompanhada de uma liberdade impensável até perante o erro, meu e dos outros. E por isso o dar comigo desarmada e impotente, em muitas circunstâncias, deixou de me fazer assim tanto medo; e esta carência torna-se até desejável, quando me apercebo de que não estou sozinha, porque aquela pobreza de espírito é o sinal do Seu acontecer, o sinal de que o Acontecimento me está a acontecer agora a mim, como dizias na Jornada de Início do Ano.

E qual é essa diferença de potencial? Explica-nos bem isso.

É a carência que sinto em relação à realidade. No fim, em muitas circunstâncias, sinto-me desajustada, desejo tanto, mais do que o que, apesar de tudo, no fim, pode ser imediato na relação com a realidade: diante dos alunos, nas relações com as pessoas de quem mais gosto. Daí apercebi-me de que, admitindo que exista esta carência – que exista banalmente –, a minha posição é diferente e sobretudo na relação com a companhia, sentes o outro como diferente; não há nada a fazer, é diferente. E, admitindo que esta carência exista, posso pôr-me em jogo, e Ele entra. De facto, o que é bonito é eu, verdadeiramente, não me sentir sozinha.

Porque é que não te sentes sozinha?

Porque este desejo, esta carência, esta «dramaticidade», não mos crio sozinha. Apercebi-me mesmo disto, aliás, às vezes quero-os, e não consigo obtê-los, tenho de os mendigar.

A diferença de potencial está entre o que a Igreja é e o que eu sou. Graças a isto conseguimos perceber o que a Igreja é e o que traz a Igreja, e qual a diferença de potencial entre a Igreja e a minha necessidade. Porque não é tudo igual, eu e a Igreja não somos a mesma coisa. A Igreja, em mim, provoca constantemente o redespertar do meu eu, e gera em mim a pobreza. Quantas vezes, ultimamente, temos citado o Inominado? A diferença de potencial é a que fez com que o Inominado, com todos os erros que tinha feito, encontrasse algo tão diferente a ponto de exclamar: «Agora conheço-me, compreendo quem sou» (A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas, Março 2015, Prior Velho, p. 425). E esta diferença de potencial desencadeou nele uma tal pobreza que a partir daquele dia irá ficar ali à espera, insistentemente, como um mendigo, em frente da porta do Cardeal. É a possibilidade de perceber o que é a Igreja, e a diferença que traz ao mundo. Cristo é de tal maneira diferente, que até gera a pobreza necessária para O deixar entrar.

A pobreza não é um esforço que eu faça, o que de facto...

Exacto. E cada um tem de o descobrir dentro de si, dentro da sua própria experiência, porque de contrário são palavras de que nem se apercebe e às quais pode resistir. Porquê? Lembro-me sempre do que nos recordava o Papa Bento XVI na *Spe Salvi*: que «um progresso adicionável só é possível no campo material. [...] Em contrapartida, no âmbito da consciência ética e da decisão moral [no que diz respeito às relações] não há uma possibilidade de adição semelhante pela simples razão de que a liberdade do homem é sempre nova e [ele] tem sempre de tomar as suas decisões novamente. Nunca são simplesmente os outros a tomá-las por nós» (n. 24). Não é mecânico, não pode ser mecânico. Por isso Giussani usa com uma precisão claríssima a palavra «consciência». Se, quando o Senhor me escolhe para se fazer ouvir, me arranca da minha distração e me torna novamente pobre, eu não retomar consciência de mim e a seguir não O acolher, Ele não passa, não passa em mim! Até podemos encontrarmo-nos diante de milhões de milagres, como estiveram os fariseus, e não O deixar entrar. Não é que a diferença de potencial

não estivesse na frente deles, mas a membrana da consciência não O deixava passar. É preciso perceber que a imagem não é mecânica, que tem de haver sempre a fenda, através da qual esta diferença passa. Aqui está o drama da nossa liberdade, graças a Deus! Por isso quero sossegar quem tiver medo da osmose: não há problema, não te preocupes, porque não há nada que entre em ti, se tu não quiseses! Não é que o Mistério se aproveite da tua distração para te entrar em casa! Só passa através da tua consciência. O que me parece fundamental, senão fazemos com que tudo se torne mecânico, a pensar que basta estar aqui, a aquecer a cadeira. Este é o formalismo de que temos andado a falar ultimamente. Pelo contrário, é a nossa disponibilidade – tu usavas a palavra «pobreza» – que pode deixar entrar esta novidade. Este é o drama que damos connosco a viver.

Lendo a parte da Escola de comunidade relativa ao magistério extraordinário, impressiona-me quando Dom Gius diz: «Portanto, quando, na Igreja é proclamado um dogma, nunca é fruto de uma convicção repentina ou de uma reacção irreflectida. É, antes, algo de semelhante ao que acontece com qualquer um de nós quando, tendo-se comportado durante muito tempo, de acordo com determinadas impressões, persuasões ou intuições e, a certa altura, por ocasião de um encontro ou de um acontecimento particularmente significativo, toma consciência delas e exprime-as. Porque a vida de Cristo na história da Igreja é uma vida que cresce. Cristo é toda a riqueza da verdade: a vida da Igreja toma cada vez maior consciência dO que Cristo lhe deu e, por conseguinte, do que contém dentro dela. A formulação dogmática coincide com este salto qualitativo na consciência da Igreja e, por conseguinte, das pessoas que nela estão» (p. 217). Eu dei-me conta de que para mim é exactamente a mesma coisa, a mim acontece-me a mesma dinâmica que descreve aqui: também eu tenho continuamente necessidade de tomar consciência daquilo que me acontece já. Há pouco tempo, dei por mim numa missa dominical na qual decorria o Baptismo de um miúdo totalmente desconhecido para mim. Durante a celebração invadiu-me uma inesperada comoção, e um pensamento em particular me veio à cabeça: «Mas estou mesmo aqui, verdadeiramente eu, precisamente eu, esta manhã levantei-me, vesti-me e vim, em primeiro lugar, ao Teu encontro na Tua casa? Mas quem és Tu para mim, tanto que eu livremente decidi vir aqui? Talvez eu goste mais de Ti do que sabia?». Não sei explicar bem, mas naquele momento tomei inesperadamente consciência de que a minha história particular está entrelaçada na relação com Ele e que tantas vezes, submersa nas minhas imagens, no pensamento sobre mim mesma, nem sequer me dou conta disso. A mesma intuição me surpreendeu diante da imensa comoção que nasceu no meu coração graças àquele miúdo desconhecido: «Estou mesmo a comover-me porque este miúdo se torna Teu? Mas quem és Tu para mim, a ponto de me comover com o pensamento de que também aquele pequeno possa começar a gozar da relação contigo? Tu tomaste-me mesmo. Eu conheço-Te, este mesmo facto revela a mim mesma que a minha vida está cravejada de marcas Tuas, de outra maneira o estar aqui hoje e esta comoção desmesurada por este miúdo não seriam possíveis». Portanto, uma pergunta nova abriu caminho em mim: «Mas eu posso mesmo dizer que Tu bastas para o meu coração?». Naquele momento pensei na minha vida, nos rostos que acompanham a minha vida e que marcam a minha história particular, pessoas ligadas a mim, e de repente pensei: «Na realidade eu sou feliz, eu estou grata por aquilo que existe na minha vida». Esta tomada de consciência desafiou num segundo todas as imagens que eu tenho da minha realização (na minha idade, ainda não sou casada, não sou uma mulher de carreira, etc.), porque ao pensar naqueles rostos dei-me conta de que a gratidão que domina a minha vida graças à Sua companhia basta para me fazer feliz. Depois, todas as perguntas continuam a existir em mim, mas impressionou-me muitíssimo dar-me conta, pensando na minha experiência, de estar já grata e feliz por tudo quanto existe na minha vida; foi uma surpresa para mim, uma surpresa de mim para mim mesma, até porque, pelo contrário, muitas outras vezes, quando não estou diante de mais nada senão dos meus pensamentos e das minhas imagens, prevalece em mim o lamento. Este pequeníssimo facto fulminou-me, porque me fez desejar cada vez mais conhecer, tomar consciência daquilo que já acontece na minha vida, de submeter cada vez mais a razão à experiência. «Eu já Te conheço, já existem todas as marcas de Ti na minha vida, mas preciso

mesmo de aprender a ver como Tu já bastas, como já me acontece estar alegre e plena». Neste contentamento apostaria verdadeiramente tudo, porque continuamente eu afundo-me, mas já está lá tudo, o ponto é conhecer aquela intuição de um instante que eu tive, conhecer aquele contentamento que existe já na minha vida. Posso dizer que aquilo que basta ao meu coração existe porque me aconteceu. Tenho já tudo. Temos já tudo. Trata-se apenas de conhecê-lo e tomar cada vez mais consciência disso. E isto é impressionante. Eu sou a primeira a dar por adquirido este tudo que já me tomou, porque a minha vida está tão entrelaçada com aquela relação que é quase imediato; mas não o seria, se não fosse tão real.

Participando de forma cada vez mais consciente na vida da Igreja, um facto como um Baptismo pode despertar esta consciência de si. A quantos de nós não aconteceu participar num Baptismo sem que acontecesse quase nada? Pelo contrário, quando uma pessoa acusa o golpe, começa a dar-se conta que este ser fulminado, este ser verdadeiramente tocado de forma tão potente é a modalidade com que Cristo se torna presente, é a modalidade através da qual O conheço, passa em mim o divino, alcança-me o divino. Eu conheço-Te. E ao mesmo tempo, como sempre dizemos, não acabei de conhecê-lo! A Sua revelação torna-O cada vez mais presente como Mistério, por isso cada vez me vem mais a vontade de aprender a olhar para aquilo que me aconteceu, a olhar para Ti. Assim a Igreja faz-nos conhecer a nós mesmos e faz-nos conhecê-lo a Ele, porque torna possível uma experiência humana que não é comparável com nenhuma outra. Que graça que é já poder dizer: «Aquilo que basta ao meu coração existe porque me aconteceu»! Não porque eu sou bom, ou porque estou à altura, mas porque me aconteceu», enquanto muitos estão ainda à procura, às apalpadelas, de alguma coisa que torne a vida, vida. É isto o que se comunica – também ao amigo que me escreveu do outro lado do mundo – através desta realidade humana que é a Igreja. E isto faz tornar apaixonante até o momento.

Impressionou-me muito, na Escola de comunidade desta semana, em especial, a parte sobre viver o momento. O valor de uma vida absolutamente privada de clamor está em viver o momento como aspeto e função do amor ao todo. Ultimamente, para mim, viver o momento tornou-se um ponto crucial da vida, precisamente porque nos últimos anos foi, pelo contrário, uma das coisas, aliás, a coisa em que tive mais dificuldade. Estou a pensar no meu trabalho: comecei a trabalhar há poucos anos e quase sempre prevaleceu em mim a insatisfação, porque não estava contente com aquilo que fazia; todos os anos começava dizendo-me que finalmente, no ano seguinte, iria ter o reconhecimento de que estava à espera. Os anos passaram e este reconhecimento nunca chegou; pelo contrário, a minha frustração e a minha raiva aumentaram, porque todos os anos vivia já em função daquele depois, o momento presente nem sequer era contemplado. Nestes anos, em que confiar me parecia a coisa mais difícil do mundo, pedi muito para conseguir viver este momento e poder encarar o presente; muitas vezes, entre lágrimas, zangada e desconfiada com muitas coisas, mas com dificuldade permaneci presa à companhia, aos amigos que mais me ajudavam a enfrentar as minhas dificuldades. Nas muitas conversas que tive com os meus amigos, parecia-me sempre estar no mesmo ponto, parada, e a minha consciência continuava a ser a mesma, e isso doía-me muito. No outro dia, por acaso, falava com uma colega minha e ela perguntava-me que programas tinha para o ano seguinte, se tinha alguma ideia, e fiquei espantada com o facto de que não tinha programas, pela primeira vez interessava-me mesmo viver o momento. Perguntei-me como tinha sido possível aquilo, que me parecia uma magia, mas dei-me conta de que não é uma magia inesperada, mas o fruto deste trabalho que fiz de forma quase inconsciente: durante anos, pedi para aprender a confiar verdadeiramente como Maria, para estar verdadeiramente disponível, não apenas até certo ponto, como sempre fiz. Tudo isto passou através das mil perguntas e conversas, e foi fundamental perceber que o ponto não é censurar a pergunta, o desejo de bem e de sentir-me realizada no trabalho (porque, a dado momento, tentei eliminar tudo isto), mas que a única coisa que vale a pena é olhá-lo a partir do sofrimento e da raiva com um destino que, ao fim e ao cabo, não é meu. Poder viver livremente a pergunta sem censurar nada, sem me escandalizar com a dificuldade e por não dar, aparentemente, nenhum passo, foi a reviravolta que me

permitted finally to breathe, look at my wound almost with sympathy and finally to live this moment.

Chega a este ponto a mudança que a Igreja introduz! Porque uma pessoa pode saber tudo, mas não estar no presente, não viver nunca o momento, estando sempre pouco à-vontade consigo mesma. Por isso não subestimem estes sinais, porque são sinal d'Aquele que torna presente o presente, a coisa menos óbvia que existe. Lembro-me sempre de uma frase de Graham Greene que, num romance seu, diz: «Para mim o presente nunca é agora» (G. Greene, *O fim da aventura*). É a coisa mais dramática que pode existir, esta de não coincidir nunca, nem por um instante, com nós mesmos. Por isso, que uma pessoa possa surpreender-se a viver o presente assim, diz do que passa através da presença da Igreja na qual estamos imersos. Durante anos, pensamos que estamos parados no mesmo lugar, porque as coisas acontecem no tempo segundo um desígnio que não é o nosso, mas só quem tem a consciência de se confira se dá conta de que é aquilo, e não uma magia de qualquer tipo, que torna tudo diferente.

É uma consciência que cresce, uma vida que cresce, e que reveste um aspeto do real que agora estamos a enfrentar: a política, as eleições

Eis-nos portanto diante das eleições [em Itália ocorrem dia 4 de março].

Chegam, pontualmente!

Como aconteceu muitas vezes desde que, há quarenta anos atrás (hoje, tenho 65), encontrei o Movimento. Dou-me conta da graça de ter uma posição diferente. Esquematizando de um modo um pouco bruto, e irónico, pode dizer-se que passei, juntamente com tantos amigos filhos da contestação de 68, por várias etapas. No início segui, muitas vezes com má vontade, as indicações sobre em que Partido votar, e quais candidatos (com mais má vontade ainda) dentro daquele Partido. Depois apoiei os “nossos” envolvidos na política, porque eram nossos (o que é que estás a fazer, não estás a apoiar os nossos?). A próxima etapa foi apoiar aqueles que defendiam as “nossas” obras, porque “as obras representam uma presença paradigmática na sociedade”, “viva as obras de qualquer modo e em todos os lugares”. Em seguida a malha das escolhas possíveis ampliou-se. Acreditei ter percebido que precisava tentar descobrir com quais candidatos poderia me identificar, que afirmassem os princípios básicos da sociedade italiana e europeia. Lá estava eu a trabalhar na investigação de rostos e programas: este um pouco mais, aquele um pouco menos, talvez aquele outro... Hoje, esta postura parece-me secundária, de retaguarda, porque, no fundo, eu não estou presente. Não nego nada do passado, pelo contrário, cresce a gratidão pelo caminho que me foi permitido fazer, seguindo o Movimento. Hoje, portanto, observando as posições que o mundo político quotidianamente nos oferece, veio-me à boca a mesma afirmação do nosso amigo preso, que muitas vezes tu nos recordas: não podem comportar-se de modo diferente porque nunca foram tratados como eu fui tratado. O que para mim é evidente, para eles é muito distante porque não fizeram uma experiência na qual o seu “eu” tenha florescido. Para entrar um pouco no detalhe, marcam-me em particular duas dimensões que são sistematicamente deixadas de lado. A primeira é a leitura da situação. Limito-me apenas a três das proféticas chamadas de atenção do Papa. Primeiro: ninguém se dá conta – e, portanto, declara como ponto de partida para qualquer acção – de que estamos em guerra, a “terceira guerra mundial em pedaços”. Segundo: o sistema económico não se sustenta porque é pautado sobre a exploração e o descarte que estão a devastar os povos e o planeta. Terceiro: os fluxos migratórios são um fenómeno global irreversível. A segunda dimensão que é ignorada é a individualização do sujeito habilitado para enfrentar os problemas. Também aqui o Papa não se cansa de chamar a atenção para não delegar em ninguém, mas cada um assumir as próprias tarefas e responsabilidades: um povo, como a unidade de cada liberdade irrepetível. A política, ao contrário, continua propondo soluções que presumem que ela própria seja o único sujeito possível de mudança. O resultado dessa dupla cegueira é a esquizofrenia que quotidianamente assistimos. Hoje – aqui está a novidade –, porém, percebo em mim, ao invés do escândalo ou da sensação de impotência, o ímpeto a dialogar, a encontrar os políticos, mas não como antes, para tentar tirar vantagens ou esperar encontrar improváveis convergências económicas, éticas, culturais... (quantas vezes nós actuamos nesse espetáculo deprimente).

Todas, posições intrinsecamente perdedoras porque esperam algo “da” política. É exatamente o contrário: são eles – como todos – que precisam de mim, de nós. Porque sem uma experiência de novidade para si mesmos nunca poderão ver, entender e, portanto, agir, de modo diferente. É uma inversão total da concepção da política, que hoje – percebo – é prevalentemente vivida como uma divindade à qual o indivíduo se deve prostrar. A questão política, no entanto, torna-se interessante porque, se eu sou protagonista, chega ao coração do ser, torna-se ocasião para reconhecer a vitória desarmada de Cristo que muda tudo e todos. Uma presença livre, leve, criativa, onde tu não és mais escravo de ninguém, porque estás ligado ao Único que vale a pena servir. Obrigado, muitíssimo obrigado, por sua paternidade.

Este é apenas um exemplo do percurso de quem, participando da comunidade cristã, aceitando todos os desafios, cresce na consciência de si a ponto de tornar evidente – desmascarando qualquer pretensão ideológica da política sem precisar, por isso, se retirar do mundo – a novidade com a qual se pode olhar a política, de modo a poder oferecer a própria contribuição superando a tentação, que acontece às vezes também entre nós, de se desinteressar, como convocaram os Bispos lombardos na nota para as eleições que está no site de CL. O percurso pessoal que ele descreveu está ligado ao percurso que todos nós fizemos dentro da vida do Movimento.

Parece-me que a este percurso pessoal corresponda um percurso objetivo do Movimento nestes anos. Se o perdemos, perdemos de vista um pedaço da história italiana, não apenas a nossa. Porque o nosso papel objetivo como Movimento é dado pelo facto de que passamos da defesa da nossa parte, das nossas coisas, num País em que tudo é discussão, a uma tentativa de nos colocarmos a serviço do bem comum, de uma convivência operosa, de uma governabilidade real. Este é o valor “político” destes anos, que gostaria de documentar em quatro passagens. A primeira: a tua carta para o La Repubblica de 1 de maio de 2012 que, admitindo os nossos limites, colocou em jogo a positividade da contribuição que podíamos dar. Segunda passagem importante: a vinda ao Meeting de dois Presidentes da República Italiana. Napolitano e Mattarella nestes anos são expressões daquele núcleo duro do País, preocupado com o colapso económico da Itália e com as divisões que possam levar a um declínio definitivo do nosso País. No seu discurso no Meeting, Napolitano falou da necessidade de não parar de construir Itália a partir de baixo buscando o bem comum (e quando foi reeleito disse isso novamente, lembrando justamente aquele discurso), e Mattarella lembrou que o “nós” é a democracia e passar do “eu” ao “nós” permite olhar para o futuro. Portanto, tivemos um diálogo sobre esse ponto fundamental. Terceira passagem: continuamos a construir, nestes anos difíceis, corpos intermediários exemplificativos: Banco Alimentar, AVSI, Cometa, Portofranco e muitos outros, exemplos de uma construção de bem para todos. Continuamos a exortar quem faz e trabalha; pensem no panfleto da CdO sobre o instante imprevisível, na ideia de construir trabalhando. Insistimos sobre a subsidiariedade, dizendo que a Itália é construída com a união de todos, educando-nos a construir de baixo, a partir de um ideal vivido, enquanto todos falam de análises que fogem da realidade. Quarta passagem: as muitas apresentações de “A beleza desarmada”, com uma abertura de trezentos e sessenta graus em que tu, Carrón, encontraste as pontas mais avançadas desta preocupação laica do País, pessoas muito distantes de nós, mas que concordam com esta ideia; que a coisa mais importante para a política é a ajuda à construção de um sujeito baseado no espanto, na abertura, no amor ao ideal, à fé. Pensemos nos inúmeros artigos publicados em jornais, como o de La Repubblica intitulado “Também na política o outro é um bem”. Sem isso, não há convivência. Neste momento de escolha não podemos esquecer esse papel político, pré-partidário, que o Movimento exerceu. Como está escrito no panfleto “A política, dimensão essencial da convivência civil”, com o discurso do Papa em Cesena. É exactamente este o papel “político” que o Movimento testemunhou nestes anos – político segundo o sentido que o Papa deu a essa palavra naquele discurso –, um papel público, diante de todos e para o bem de todos através da forma de uma presença encontrável, e não espiritualista.

Essa modalidade que descreves emergiu nestes anos também entre os nossos universitários, que fizeram tentativas que brotaram da experiência que vivem.

Por isso, antes do Natal tinha perguntado a um grupo de universitários que experiência tinham feito na universidade e se essa experiência os estava a ajudar a enfrentar as próximas eleições.

Para responder a essa pergunta olhamos para o caminho feito nestes anos. Um estudante conta: “Há mais de um ano foi apresentado nos órgãos uma proposta da universidade para modificar de maneira bastante considerável o calendário académico. Nós, estudantes, não estávamos de acordo. Marcou-me a diferença de postura entre nós e alguns representantes de outras listas, embora muito estimados, inteligentes e capazes do ponto de vista técnico. Eles, irritados e contrariados empacaram no próprio ‘não’. Nós movemo-nos para entender quais eram as reais exigências da universidade e o Reitor, quando percebeu esta nossa postura, envolveu-nos no projeto, pedindo-nos para indicar antes de todos quais eram as exigências fundamentais de todas as partes. Depois de meses de trabalho, foi feita uma boa reforma que buscava acolher as necessidades de todos. Fiquei impressionado porque outras listas, aos poucos, abandonaram sua postura inicial e foram incluídos nesse processo. A diversidade dos sujeitos em jogo foi fundamental para levar em conta todos os aspectos. Um interesse genuíno pelo bem comum e não pelos próprios objetivos, como dizia o Papa no seu discurso em Cesena, e uma postura de abertura e identificação, de acordo com a minha experiência, são as coisas que mais constroem. E então não posso, depois de ter visto e vivido isso, não levar isso em conta agora, em vista das eleições”. Também na minha faculdade, o ponto de partida foi uma necessidade, ou seja, perceber que os estudantes eram obrigados a estudar à tarde as matérias dos anos anteriores e não aquelas que faziam nas aulas da manhã. Apresentamos o problema aos colegas das outras listas e, juntos, elaborámos uma solução; estudámos as fontes normativas e conversando com os professores expusemos nossa proposta de reforma da grade de horários. Depois de dois anos, a tentativa fracassou. O mandato terminou e não conseguimos a mudança. No entanto, não foi tempo perdido: crescemos no relacionamento com colegas que pertencem a um grupo estudantil que nasceu explicitamente para “expulsar os ciellinos” dos órgãos académicos e que agora se tornaram nossos amigos. Sobretudo crescemos na consciência de que é possível enfrentar qualquer desafio sem ser determinados pelo resultado. A nossa lista tornou-se uma casa para todos, um lugar de encontro. Os participantes de outras listas participam nas nossas reuniões, mas isso não é um facto casual. Um estudante de economia escreve: “É o fruto inimaginável de relacionamentos de amizade que nasceram do trabalho nos conselhos da faculdade, nos alojamentos da universidade e durante as últimas eleições. Um representante de outra lista perguntou-nos se queríamos começar com ele um trabalho de aprofundamento sobre o referendium que aconteceu na Lombardia em outubro passado. Tinha simplesmente o desejo de perceber. Um rapaz a quem até há alguns meses tínhamos dificuldade até de cumprimentar nos corredores, agora pede-me para me envolver com ele?! Eu também tenho esse desejo, vou atrás dele! Começamos a acompanhá-lo nesse trabalho. A nossa unidade é uma novidade histórica e cultural da qual toda a universidade está beneficiando. Porque é que com as eleições políticas deveria ser diferente?”. Levar a sério as necessidades e as exigências que se apresentam está a gerar relacionamentos inesperados não só com os companheiros, mas também com as autoridades académicas. Outro estudante conta: “Organizamos um encontro para explicar as actualizações relativas à última lei para se tornar professor. Semanalmente encontramos-nos com docentes e administradores para perceber como será possível apoiar alguns novos exames necessários para a habilitação. Nunca teria imaginado o que aconteceu da última vez que fomos recebidos na presidência. Fomos apenas para avisar o diretor que faríamos um encontro. Assim que lhe dissemos ele, a única coisa que nos respondeu foi: ‘Ótima ideia, só me digam quando será para eu ver se consigo estar presente’”. Os factos narrados documentam que diante das diversas circunstâncias há uma alternativa de posições, como se pergunta outra amiga: “Fico na minha, ou envolvo-me? Quando voltava da universidade para o alojamento, cansada, queria apenas comer com pessoas conhecidas, para descansar um pouco. Porém, quando entrava no refeitório, as minhas amigas encorajavam-me a sentar-me com pessoas que não conhecia. A

campanha eleitoral foi uma grande ocasião: ajudou-me a manter os olhos abertos, a dar-me conta do que existia, das raparigas no refeitório de manhã no pequeno almoço, quando ninguém tem vontade de falar, do colega que se senta do meu lado na aula, de tudo o que há na universidade”. A descoberta que muitos de nós está a fazer é que envolver-se na vida política é, antes de mais nada, ocasião para verificar a fé. Essa verificação gera entusiasmo e faz com que nos interessemos por tudo, até pelas eleições políticas, como diz um amigo: “Desejei organizar um encontro com os amigos do Movimento para os desafiar: dizer porque é que se vota, como é feita a lei eleitoral, quem se candidata, como as forças em jogo mudaram nos últimos anos, para o que é que olho para decidir em quem votar. Nestes anos de participação no CLU, o Movimento está-me a educar a não perder nada do que acontece e a não ficar parado a olhar da varanda”.

São tentativas de pessoas que, de algum modo, se colocam em jogo. Não somos nós que decidimos as provocações da realidade, as eleições chegam. E quando chegam, muitos ficam confusos: não há clareza, então há quem pensa em abstenção. “Pelo menos desta vez, depois veremos”, sugere alguém. Ao contrário, precisamente essa situação pode ser uma ocasião para amadurecer. Pensem no que vimos e estamos a ver na Escola de Comunidade: o crescimento da consciência da Igreja não acontece fora da história, mas através das provocações da realidade. Muitas vezes um dogma foi definido justamente depois da urgência de perceber alguma coisa do mistério cristão diante de um desafio histórico, e só trabalhando, discutindo, aprofundando surgiu uma clareza. Nós não podemos fazer de modo diferente. Os desafios históricos que colocaram a comunidade cristã em acção, colocam-nos a nós em acção todos os dias. Deste trabalho emergiu uma maior consciência da Igreja. As eleições são uma ocasião para isso. Temos alguns instrumentos à nossa disposição para este trabalho: em primeiro lugar, o discurso do Papa em Cesena, que é uma documentação, como se dizia, do que é um olhar para a política com o desejo de perceber o que é o bem comum. Depois, há o discurso do cardeal Bassetti na CEI e o documento dos Bispos lombardos: todos exprimem a preocupação de que, diante do desinteresse geral, possa crescer cada vez mais um sujeito consciente que ajude a deixar as coisas claras, não se deixando levar pelas fantasias de algumas promessas eleitorais, mas com o realismo de ver o que é possível fazer neste momento histórico, sem deixar que a presença de católicos em diversos partidos signifique uma laceração do corpo da Igreja. Tudo isso, juntamente com o panfleto da CdO, são instrumentos muito úteis para fazermos este caminho de maior consciência.

Para usá-los adequadamente talvez seja oportuno lembrar alguns pontos – os quais devemos guardar – da Escola de Comunidade. Muitas vezes dissemos que estamos confusos em relação à política. Mas olhem o que *don* Giussani escreve no capítulo terceiro de *O Senso Religioso*: «O coração do problema cognitivo [...] não [...] [está] numa capacidade particular de inteligência [ninguém se pode eximir dizendo que não é capaz, porque não é uma questão de capacidade de inteligência].. Quanto mais um valor é vital e elementar na sua importância – destino, afeição, convivência [por exemplo, a política] –, tanto mais a natureza dá a cada um a inteligência para conhecer e julgar[é através da experiência elementar que cada um, colocando-se diante da realidade, pode conhecer e julgar]. O centro do problema é realmente uma posição justa do coração, uma atitude exacta, um sentimento no seu lugar próprio, uma moralidade. (L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Editorial Verbo, Lisboa 2008, p. 47). Isto liga-se, como vimos, ao tema da missão da Igreja para com o homem terreno. Giussani recordou-nos qual é a função da Igreja na cena do mundo, que não é mais do que a própria função de Jesus: a educação ao sentido religioso, ou seja, o despertar do eu, “onde, por religiosidade [...] se entende [...] a posição exata da consciência e da tentativa de uma atitude prática do homem face ao seu destino” (p. 187). Isto não se desperta só com as eleições, é a isto que somos constantemente educados participando do corpo da Igreja, e se vê também no modo com o qual enfrentamos as eleições. “A Igreja solicita-nos, por conseguinte, a uma ‘atitude reta’ relativamente a nós próprios e à existência, chama-nos à realidade, como uma mãe com experiência na vida, chama-nos ao agir de tal modo que nos recordemos como as coisas estão efectivamente” (p. 192), não a acreditar em fantasmas ou nas

soluções impossíveis. “A igreja, portanto, não tem o dever directo de fornecer ao homem a solução dos problemas que ele encontra ao longo de seu caminho [por isso, nem o Movimento tem]. Vimos que a função que [...] [a Igreja] declara ser sua na história é a educação ao sentido religioso [...], [ou seja], a uma atitude correcta do homem diante do real e das suas interrogações, atitude esta que é a posição para encontrar as respostas mais adequadas àquelas interrogações” (p. 196). Quais são os problemas? Problemas como a cultura, o amor, o trabalho, a política, a solução de tais problemas: “Não poderia ser subtraída à liberdade e à criatividade do homem, quase como se a Igreja devesse dar-lhes uma solução já confeccionada [não é esta a missão da Igreja], porque [...] faltaria à sua primordial atitude educativa e tiraria valor ao tempo que o homem envolvido na iniciativa ‘histórica’ de Deus, é chamado, antes, a considerar profundamente ‘sagrado’” (p. 196). Se a Igreja [portanto] proclamasse como seu objetivo o de apresentar as soluções para o esforço humano de promoção, de expressão, de busca [permitindo-nos não fazer nada] faria, para voltar à imagem da mãe que evocamos, como aqueles pais que têm a ilusão de resolver os problemas dos filhos substituindo-se a eles” (p. 196). Se não ajuda poupá-lo aos vossos filhos, por que pedir ao Movimento ou à Igreja que vo-lo poupem a vocês? Cada um tem uma tarefa a cumprir. Há os instrumentos, e cada um deve envolver-se, como se dizia antes. O que vale para a vida da Igreja vale para a vida do homem. Por isso o desafio é este: precisamente para a geração do nosso eu que se realiza na comunidade cristã, como estamos diante da provocação das eleições? Que necessidade vemos? Porque, quanto mais identificamos com clareza as necessidades, tanto mais podemos perceber quem lhes responde, senão erraremos sobre todo o resto. E quando as vemos e as reconhecemos como verdadeiras e reais, deixamo-nos provocar por essas necessidades? Não é um problema para os envolvidos com o trabalho, para algum especialista que se dedica ao bem comum, é um problema que diz respeito ao sujeito cristão. Para nós, as eleições são uma oportunidade para fazer a verificação da fé no modo como estamos diante das necessidades, se nos surpreendemos a viver a fé de tal modo que nos interessamos pelo problema de todos. Isto também é parte da verificação do que estamos a viver. Fizemos a verificação nos gestos de caridade do mês passado, agora temos outra possibilidade de verificar a fé a partir de como nos movemos diante das eleições: ficamos esperando na varanda, ou a política diz-nos respeito? No próximo encontro documentaremos a experiência que fizemos.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira, 21 de fevereiro, às 21h00. Continuaremos trabalhando *Porquê a Igreja*, pontos: 2) Na Igreja nem tudo é dogma; e 3) A trajetória da autoconsciência da Igreja, da página 219 à 235 (Edição Tenacitas.), também tendo presente tudo o que dissemos sobre as eleições, para verificarmos o que nos dissemos.

Banco Farmacêutico. Convido-os a participar também como voluntários na Jornada de Recolha de Medicamentos 2018, que acontecerá em toda a Itália no sábado, 10 de fevereiro. Em milhares de farmácias serão coletados medicamentos para serem doados a mais de 1.700 entidades assistenciais que cuidam dos pobres. Para isso, são necessários muitos voluntários. Vocês podem encontrar todas as informações no site do Banco Farmacêutico (www.bancofarmaceutico.org).

Veni Sancte Spiritus